

**AS CONTRADIÇÕES ENCONTRADAS NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM
NA ESCOLA DO CAMPO E O COTIDIANO DOS EDUCANDOS
MUNICÍPIO DE AGUDO-RS**

Ane Carine Meurer^{*}

Marisa Dal Ongaro^{**}

Gerson Jonas Schirmer^{***}

Resumo: Este artigo discute a importância de refletir acerca das contradições a partir do ensino que se propõem na Escola Municipal Ensino Fundamental Santo Antônio e a realidade dos pequenos agricultores do campo residentes nesta comunidade. Esta pesquisa foi desenvolvida através de levantamentos bibliográficos, observação de campo e com entrevistas. Diante das contradições que se apresentam na prática pedagógica, deve-se dialogar com os agricultores para construir junto com eles, sem impor um saber que pertence apenas a realidade dos professores oriundos do meio urbano, que trazem consigo características da cidade. É necessário que toda a comunidade pense possibilidades e trabalhe para a superação dos problemas enfrentados. Contudo, nesse discurso tem-se produzido poucas mudanças, uma vez que há uma fragmentação do conhecimento já que esses assuntos não são debatidos dentro da sala de aula, pois o educador muitas vezes possui pouca informação sobre e não se interessa acerca da realidade do educando.

Palavras-chave: Educadores. Pequenos agricultores. Contradição no processo de ensino e aprendizagem.

Introdução

A educação do campo busca valorizar os saberes históricos do sujeito do campo, através de um ensino contextualizado, porém torna-se indispensável questionar se muda-se apenas na teoria, mas o ensino continua o mesmo ou realmente há uma educação do campo. Por esse motivo ressalto a relevância desta pesquisa, como uma tentativa de reagir ao que já

^{*} Professora Doutora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: anemeurer@gmail.com

^{**} Mestranda do Curso de Pós-graduação em Geografia pela UFSM. E-mail: marisa.curso@hotmail.com

^{***} Doutorando do Curso de Pós-graduação em Geografia pela UFSM. E-mail: geogersonjs@gmail.com

está impregnado na prática do professor e que impôs, involuntariamente, uma desvalorização do sujeito do campo. De acordo com Caldart, as escolas tradicionais:

[...] não costumam ter lugar para outros sujeitos do campo, ou porque sua estrutura formal não permite o seu ingresso, ou porque a sua pedagogia desrespeita ou desconhece sua realidade, seus saberes, suas formas de aprender e de ensinar...é a escola que deve ajustar-se, em sua forma e conteúdo, aos sujeitos que dela necessitam; é a escola que deve ir ao encontro dos educandos, e não o contrario (CALDART, 2001, p.29).

Para tanto, é necessário ainda que a realidade do pequeno agricultor seja abordada dentro da escola, para que os educandos tenham a oportunidade de no futuro optarem se gostariam de permanecer no campo, mas cientes das vantagens de se viver neste meio e não apenas iludido por uma cultura urbana que lhes é imposto.

Nesse sentido, este artigo possui o intuito de discutir e caracterizar as contradições encontradas no processo de ensino-aprendizagem na educação do campo em relação ao contexto da agricultura familiar no município de Agudo-RS, localizado na Região Central do estado do Rio Grande do Sul, visando observar como a realidade cotidiana dos educando é abordada no seu processo de ensino-aprendizagem em sala de aula.

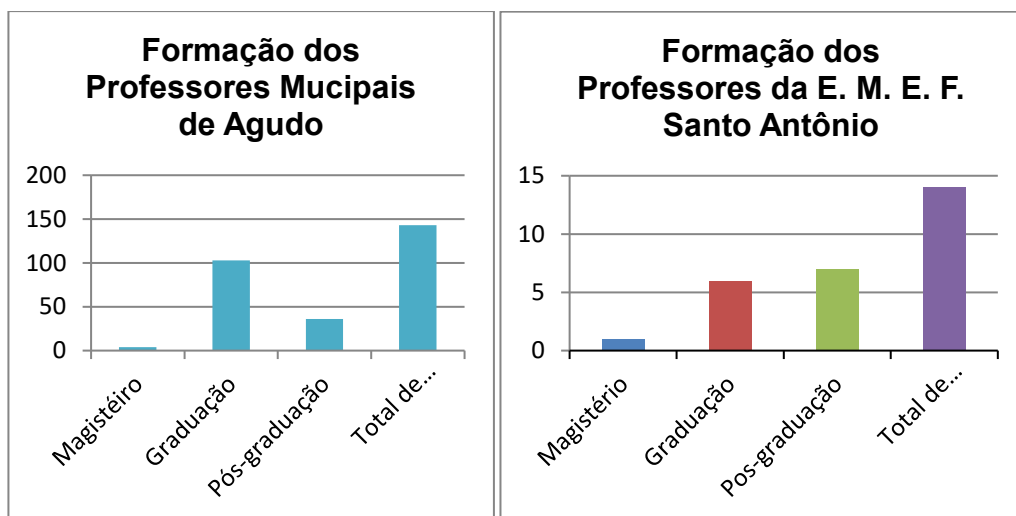
1 Desenvolvimento

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa. Primeiramente buscou-se bibliografias sobre a temática e sobre a área de estudo. Em um segundo momento buscou-se dados de fontes secundárias como a secretaria de educação do município para conhecer melhor a rede de ensino do município. Por fim foi-se a campo e elaborou-se as análises em relação as contradições encontradas.

Assim esta pesquisa foi realizada na e Escola de Ensino Fundamental Santo Antônio, situada na localidade de Linha dos Pomeranos, Agudo-RS.

Em relação à formação, percebeu-se que a maior parte dos educadores possui pós-graduação, apesar disso existe um educador que possui apenas o magistério. Há outros sete educadores que possuem magistério, porém continuaram seus estudos e atualmente também possuem graduação. Sobre esta formação foi elaborado os gráficos abaixo.

Gráfico 1 e 2 – Formação dos professores municipais e da escola Santo Antônio.



A escola Santo Antônio é considerada uma exceção em relação às demais, pois nela o número de professores com pós-graduação supera os que possuem graduação, contudo o ensino ainda é urbanizado, pois conforme mostra o gráfico a maioria reside na cidade.

Nesse sentido, estes professores por morarem na cidade, muitas vezes ficam a par da realidade vivida pelos educandos do campo.

O campo é um espaço que mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, logo a educação do campo possui identidade própria que deve valorizar o modo de viver e os objetivos a serem alcançados pela comunidade. A população é formada por adultos com baixa escolaridade devido à dificuldade que estes tiveram e que seus filhos ainda têm para o acesso a escola. Apesar de que atualmente há transporte escolar ainda a distância para chegar até a “escola núcleo” e o trabalho desenvolvido na família diminui o interesse pelos estudos.

Como uma forma de preservar o interesse, deve ser trabalhado o saber específico local juntamente com o conteúdo da educação formal. A busca pela sustentabilidade pode ser alcançada quando se trabalha dentro da sala de aula, uma elaboração de um projeto de vida, onde através da organização do campo se consiga melhorar a alimentação e se cogite a possibilidade de venda do excedente. Dessa forma, criam-se subsídios para subsistir e permanecer no campo com qualidade de vida. Nesse sentido, de acordo com Wizniewski (2010), o papel dos educadores do campo, é de possibilitar dinâmicas pedagógicas que resgatem a cultura e o significado de se viver no campo com dignidade e de forma sustentável.

Uma escola que respeita a realidade do educando é aquela que assume que em um ambiente de ensino há trocas mutuas de conhecimento, pois o educador ao ensinar também aprende com o educando e o próprio educando aprende com os demais colegas, mudando a visão de mundo desses sendo que não há espaço para o egoísmo.

Percebe-se a tomada de consciência em relação a importância da construção dos conhecimentos levando em consideração o texto-contexto tão defendido por Freire(1996), pois três professores, sendo que uma é a diretora da escola Santo Antônio, produziram um livro didático sobre o município de Agudo. Este livro contém saberes que envolvem o espaço, tempo, clima, cultura, relevo, entre outros, como por exemplo, a valorização, estimulação, sensibilização e o despertar da própria cidadania de maneira interdisciplinar. Além disso, considera-se importante a valorização do lugar bem como da história por serem contextos que demonstram a realidade de um povo e o que o constitui.

Apresenta-se uma, entre tantas contradições do sistema capitalista, do sistema escolar, da formação de professores e das práticas dos agricultores. Outra contradição é o trabalho infantil em relação à plantação de fumo, pois os pais sabem que é proibido e o representante da empresa que visita as famílias também, mas o representante finge que não vê e os pais fingem que não sabem. As empresas no momento de assinar o contrato com o agricultor colocam em uma das cláusulas essa proibição, porém o agricultor frequentemente assina os contratos sem ler, contudo isso não significa que eles não estão cientes da proibição do trabalho infantil.

A contradição que diz respeito a descontextualização percebida, principalmente no trabalho sobre o meio ambiente desenvolvido na turma do jardim com crianças de 4 anos de idade. Na sala de aula havia um cartaz onde era considerado errado cortar árvores, porém as famílias dessas crianças precisam cortar árvores para garantir o seu sustento. A grande maioria das famílias cortam árvores de eucalipto (*Eucalyptus globulus*) para a secagem do fumo Virgínia (tipo do fumo), a principal cultura que sustenta as famílias.

Sabe-se que a problemática do fumo e da silvicultura merecia aprofundamento, o que não é nosso propósito neste momento. No entanto, o que precisamos problematizar é que a escola simplesmente expor um cartaz que proíbe o corte de árvores sem refletir e contextualizar não resolve o problema. Poderá inclusive aprofundar a questão por que os alunos aprenderão que a escola diz uma coisa (não cortar árvores) e as famílias fazem outra (cortam para sobreviver e não cortam somente eucalipto, provavelmente também cortam árvores nativas), contudo esse assunto ainda não ultrapassa os portões da escola.

Os professores sabem da problemática, mas ela não é discutida nas séries iniciais e reuniões pedagógicas. Provavelmente as crianças vivenciam e sabem que os pais fazem um tipo de manejo ilegal com o corte das árvores nativas, mas isso é velado. A criança fica no meio dessa contradição e aprende a agir com princípios éticos duvidosos.

Sendo assim, é importante diferenciar o tipo de árvore que pode ser cortada ou não pode. É importante discutir que há uma necessidade de plantar para poder cortar e consequentemente sobreviver, pois o corte de árvore é necessário na secagem da folha de fumo que é uma das etapas realizadas pelos agricultores antes da comercialização. Apresenta-se uma desarticulação entre a teoria e a prática, será que os educadores devem ou não trabalhar com essa perspectiva ambiental? Será que os plantadores de fumo devem abandonar essa cultura? O que os educadores farão diante dessas contradições?

2 Resultados

Esse processo pedagógico descontextualizado atende a interesses de grandes empresas que dependem da produção de fumo, interessa também ao governo que mantendo o povo sem entender o que acontece com o seu país, tornando-se obediente sem questionar a tomada de decisões. O governo já realizou um levantamento de quantas famílias dependem do fumo para o seu sustento a fim de proibir a produção dessa cultura, porém devido ao grande número de pessoas envolvidas com essa cultura chegou-se a conclusão de que não teria como, pois não se encontrou outra cultura que dê o mesmo rendimento por hectare e que se adapte ao lugar. Além disso, há empresas multinacionais que possuem grande poder financeiro que compram o fumo e há muitos impostos que são arrecadados com todo o processo que envolve a produção do fumo.

Com toda essa influência e a partir disso, com a prática que se está construindo dentro da sala de aula, perpetua-se um projeto de educação no campo que possui as características do ruralismo pedagógico. Logo não há uma educação do campo, mas uma educação urbana no campo. De acordo com Rua (2000), ocorre uma urbanização do campo através de todas as manifestações do urbano, que vão desde a melhoria da infraestrutura e meios de comunicação, até formas de lazer. Assim, percebe-se que o campo não é mais em sua totalidade agrícola, mas adquire novas atividades e opções de renda não-agrícolas. Não se pode mais diferenciar estes espaços como no passado por atividade distinta, uma vez que na atualidade desenvolvem atividades comuns, pois estes espaços se complementam.

Para Freire (1987), educação contemporânea, não visa mais formar alunos que tenham apenas a capacidade de decorar e memorizar conteúdos, como seres a par do mundo em que vivem, a educação caminha com o intuito de formar cidadãos, formar indivíduos que tenham capacidade de atuar positivamente na sociedade, pensando e agindo de forma crítica.

Percebe-se também, outradescontextualização, referente à localização da escola, pois foi questionado se a localização da escola era importante, porém a educadora da turma que tinha o cartaz sobre o meio ambiente respondeu: “Na minha área acredito que não”. Apesar disso, verificou-se que a professora costuma sair com as crianças para passear e observar o ambiente ao redor da escola. Teve um dia que saíram para observar um córrego de água (como mostra a figura) que há próximo da escola e nesse momento aproveitaram para ouvir o som da água e discutir sobre a poluição.

Figura 1 – As crianças saindo da escola para observar o ambiente.



Nesse sentido, percebe-se que é realmente importante a localização da escola, pois por se tratar de uma escola localizada no campo há maior facilidade de observar as questões relacionadas ao meio ambiente.

Junto com a turma estava uma menina que falava apenas o dialeto alemão, logo quando a educadora tentava realizar uma comunicação com ela era necessário que ela fosse tocada para que percebesse que a professora estava desenvolvendo um diálogo com ela. Sabe-se que ela possui um grau de surdez em um dos ouvidos, mas não se sabe o grau e nem a origem, pois o diálogo com a família é realizado através da agenda da criança e apesar da mãe escrever o português corretamente, este diálogo é limitado uma vez que não informa os detalhes sobre o cotidiano desta menina.

Será que a educadora consegue com o conhecimento que tem dessas famílias, articular uma prática que tenha significado para elas? Será que as famílias forneceram todos os dados necessários para que essa prática seja articulada com os conhecimentos científicos?

A distância da escola em relação à sede faz com que a maioria dos professores se recusem a dar aula nesses locais. Ao se deparar com a escola, os educadores encontram educandos que apesar dos meios de comunicação, possuem na fala traços da cultura que vivem, quando não falam apenas o dialeto alemão. Esses educadores muitas vezes deixam a desejar em relação ao conhecimento da realidade, e em alguns casos possuem apenas o magistério, sendo assim impostas a eles as escolas rejeitadas pelos demais. Dessa forma, sem possuir muita informação sobre a importância da manutenção da cultura, esses professores acabam trabalhando a língua portuguesa e rejeitam o dialeto que faz parte da história dessas crianças.

Para as crianças, esse método de ensino é desumano, pois elas passam a se sentir incapazes ao perceber que tudo que haviam aprendido até aquele momento se torna insignificante e errado. De acordo com (CALDART, 2001) as escolas tradicionais:

[...] não costumam ter lugar para outros sujeitos do campo, ou porque sua estrutura formal não permite o seu ingresso, ou porque a sua pedagogia desrespeita ou desconhece sua realidade, seus saberes, suas formas de aprender e de ensinar...é a escola que deve ajustar-se, em sua forma e conteúdo, aos sujeitos que dela necessitam; é a escola que deve ir ao encontro dos educandos, e não o contrário (CALDART, 2001, p.29).

Contudo, também revela uma formação que esses educadores tiveram a partir de uma concepção que mais se assenta no ruralismo pedagógico do que numa perspectiva abordada através da educação do campo.

Considerações finais

É notável a grande preocupação que os educadores têm em ensinar valores (ética, respeitar o limite do outro, prevenir o uso de drogas) para as crianças, pois essas tarefas que antes pertencia aos pais acabam sendo transposta a escola que discute e tenta entender os problemas atuais da sociedade. No entanto, o meio ambiente é baseado apenas nas discussões exposta no livro, não é questionada a origem dos alimentos que consumimos e não há um conceito crítico sobre como vivemos e as consequências que causamos ao meio ambiente devido a essa nossa maneira de viver. Os temas poluição e lixo são discutidos, porém não é

questionado a sua origem, se realmente precisa ser dessa forma e a importância disso no mundo tanto em relação às consequências dele, mas também a economia que depende desse modo de vida e que privilegia o consumismo.

As alterações ambientais, decorrentes dessa relação histórica “sociedade-natureza”, têm gerado intensas discussões em todos os segmentos da sociedade. Porém, na busca de homogeneização da educação, na escola do campo, coloca-se a cultura urbana sendo aceito como o modelo a ser vivido, no modo de falar, no modo de se vestir, no modo de consumir, com isto, tem-se um significativo aumento de ideologias e supervalorização do urbano pela escola do campo e as pessoas que ali vivem.

Contudo, acredita-se que a escola não possui poder suficiente para mudar toda essas estruturas que são impostas ao agricultor, deixando-o subordinado por depender desse processo para a venda do seu produto para suprir as suas necessidades básicas e continuar a viver no campo. Apesar disso, a escola, através dos educadores, pode fazer a sua parte construindo sujeitos críticos do/no campo, oportunizando à futura geração um entendimento desse processo e talvez juntamente com a comunidade possa criar possibilidades para que o agricultor encontre solução e saída dessa subordinação.

Sabe-se que o ensino precisa ser diferenciado de acordo com a realidade do educando, essa diferença precisa existir também dentro da sala de aula, por este motivo o método de ensinar no campo precisa ser ligado à realidade vivenciada por essas crianças. Os alunos do campo possuem maior facilidade de compreensão de temas ligados a terra, ao meio ambiente, porém atualmente esses temas podem e devem estar associados à localização espaço temporais.

Referencias

CALDART, R. S. A Escola do Campo em Movimento. In: BENJAMIN, C.; CALDART, R. S.; **Projeto popular e escolas do campo**. Brasília-DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 2000. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, 2ª Edição: setembro 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

RUA, João. A urbanização rural ou novas ruralidades? Uma contribuição geográfica para o debate. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 15. **Anais**, v.1,Goiania, 2000. P418-421.

WIZNIEWSKI, C. F. **A contribuição da Geografia na construção da educação do campo. Experiências e diálogos em educação do campo.** Fortaleza: Edições UFC, 2010,129p.